

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXII

Nº. 3

Março de 1981

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Clatarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Março de 1981

Nº 3

S U M A R I O

Página

VOCÊ SABIA?	66
EXCURSÃO CULTURAL A TRENTO — ITÁLIA — III	69
ACONTECEU... - Fevereiro de 1981	70
VALIOSA DOAÇÃO DE LIVROS	72
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU ...	73
REGIONALISMO (')	74
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	82
UMA VISITA EMOCIONANTE NA ALEMANHA	89
BRUSQUE NO CENTENÁRIO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA..	90
O PREFEITO DA CIDADE DE HEIDELBERG VIRÁ A BLUMENAU EM SETEMBRO	95
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	96

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — A Sra. Gertrud Sierich em sua casa, ao receber a visita do Sr. Roland Otte. Hamburgo, 1958. (Texto à pág. 89)

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que a 3 de maio de 1910, um meteoro caiu sobre as montanhas das cabeceiras do rio Garcia, tendo sido visto por várias pessoas que admiraram o seu intenso brilho e enorme grandeza?

*

... que até a emancipação da Colônia e instalação do Município de Blumenau, em 1883, a medição e distribuição dos lotes coloniais estavam quase que exclusivamente a cargo da Direção da Colônia chefiada pelo Dr. Blumenau?

*

... que só após esta data, este serviço e responsabilidade passou a ser exercido pela Comissão de Terras, de início sob a chefia do engenheiro Autunes?

*

... que em 1904 existiam no município de Blumenau, para 3.600 alunos matriculados, 91 escolas, das quais apenas 4 eram escolas públicas (2 em Blumenau e 2 em Gaspar) frequentadas por 157 alunos?

*

... que pela lei estadual Nº 438, de 21 de junho de 1958, o distrito de Penha, pertencente ao município de Itajaí, foi separado deste para constituir município próprio, tendo sido instalado a 19 de julho do mesmo ano?

*

... que 5 anos mais tarde, Piçarras, até então pertencente a Penha, passou a ser município, pela lei Nº 937 de 19 de Novembro de 1963, sendo instalado solenemente a 14 de Dezembro com a posse do seu primeiro Prefeito, Sr. Francisco Leopoldo Fleith?

*

... que em 14 de setembro de 1914, foram os Xokleng (índios Botocudos) pacificados por Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, chefe do Posto mantido pelo Serviço de Proteção aos Índios, nas proximidades do rio Plate, afluente do Rio Itajaí do Norte?

*

... que após esta data nunca mais os colonos daquela zona foram assaltados ou mortos pelos bugres?

*

... que a Agência Postal de Pomerode começou a funcionar em fins de maio de 1910, sendo seu primeiro agente o comerciante Hermann Werge e que durante vários anos, as malas postais eram trans-

portadas de Blumenau a Pomerode e vice-versa, em carroça conduzida por Alberto Kanitz?

*

... que "Blumenau em Cadernos", prestando em Março de 1965, uma justa homenagem ao então Presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina, Dr. Guilherme Renaux, publicou (às páginas 53/54 do Tomo VII, Nº 3) o retrato e os dados biográficos do distinto industrial, falecido a 13 de março do corrente ano?

*

... que Frederico G. Busch Jr., fez publicar na imprensa local, aviso à população, alertando ao perigo da linha de transmissão que a partir de 15 de Junho de 1910 estaria sempre carregada com a voltagem de 10.000 volts.?

*

... que de 15 a 22 de novembro de 1964 realizou-se em Blumenau a Primeira Convenção Hoteleira do Sul, reunindo centenas de hoteleiros de São Paulo, Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul?

*

... que o vapor "PROGRESSO", navio de rodas construído nos estaleiros de "Schlicksche Flussdampfwerke", em Dresden, Alemanha, por encomenda da "Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau" atravessou o Atlântico a reboque de outro barco no ano de 1879?

*

1

... que a 9 de dezembro de 1904, foi condignamente festejado o jubileu de prata do vapor "Progresso" comemorando os 25 anos de viagens entre Itajaí e Blumenau, que todo embandeirado e ornado com palmitos e flores, foi recebido no porto de Blumenau com banda de música e espoucar de foguetes por grande massa popular?

*

... que o vapor "Blumenau" fez a sua primeira viagem de Itajaí a Blumenau, a 14 de outubro de 1894, tendo sido recebido igualmente de modo carinhoso e com grandes festas pela população da cidade?

*

... que com grande solenidade foi inaugurada, em março de 1900 a torre, da igreja evangélica de Pomerode, participando da festa, além da Banda de Música Lindner, vários grupos corais de Pomerode e de Blumenau, atestando mais de 100 carroças postadas em frente à igreja o grande número de fiéis que haviam acorrido ao local?

*

... que no recenseamento verificado em 1900, apurou-se residir em Belchior, Blumenau, Raimundo Jacinto da Silva, com 108 anos de idade e que tinha uma filha de 86 anos e um filho com 84 anos de idade?

... que em março de 1900 o sr. G. Ermlich, comerciante em Blumenau, anunciava à venda de bandeiras nacionais de 4 e meio metros de comprimento, ao preço de Rs. 25\$00 (Cr\$ 25) cada?

*

... que em Dezembro de 1901, Karl Kühne, de Brusque, anunciava a fabricação de máquinas de lavar roupa, manual, simples, sólida, ao preço de Rs. 50.000 (Cr\$ 50.-) cada uma?

*

... que em 1855 fundaram-se as primeiras sociedades em Joinville, entre elas a "Sociedade de Cantos HELVETIA", a 29 de abril de 1855 a "CULTUR-VEREIN" (Sociedade de Cultura) a 26 de a "SCHÜTZEN-VEREIN JOINVILLE" (Sociedade de Atiradores de Joinville) e no mesmo ano a 29 de Dezembro instalou-se a primeira Loja Maçônica sob a primitiva denominação "Zur Deutschen Freundschaft" que ainda exerceu seu fins filantrópicos sob a denominação de "Loja da Amizade sob o Cruzeiro do Sul" até 1937, quando, por lei teve que encerrar suas atividades?

*

... que a 1º de junho de 1857, dia feriado e festa do Espírito Santo foi lançada a pedra fundamental da Casa de oração Protestante de Joinville?

*

... que a "Sociedade de Ginástica" de Joinville, a primeira de seu gênero em toda a América do Sul, foi fundada no ano de 1858?

*

... que em 1900 a população do Município de Joinville alcançava o número de 19.847 habitantes, hoje acrescida para 240.000 habitantes?

*

... que a altitude do morro "Spitzkopf" é de 940 metros?

*

(Excertos do Tomo VII de "Blumenau em Cadernos")

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Excursão Cultural a Trento - Itália - III

P. Victor Vicenzi

Trento atualmente tem cem mil habitantes. A suntuosidade de um principado, é evidente, quer no centro histórico como nas periferias da cidade e da Província.

A harmoniosa Praça do Duomo de São Vigílio, é o centro de todas as atividades cidadinas. A austera catedral constitui um dos mais esplêndidos monumentos de arquitetura lombarda, onde o estilo romântico se enxerta em concepções góticas. Neste suntuoso templo construído de pedra e interiormente revestido de mármore preciosos, pinturas célebres, estátuas de mármore e mosaicos, se realizou o Concílio Ecumênico Tridentino — 1545 — 1565. Lá está ainda hoje o crucifixo sobre o qual os conciliares juraram fidelidade a cada decreto emanado.

O primeiro templo foi construído no século IV e o atual, no fim do primeiro milênio. A cripta encerra as ruínas daquele templo antigo e os túmulos dos bispos falecidos.

No centro da velha cidade ergue-se o Castelo Buonconsiglio, fortaleza de enormes proporções, hoje transformado num museu. O palácio Pretório e a torre de sabor medieval, as basílicas de Santa Maria, São Francisco Xavier, SS Trindade e mais de 35 outras igrejas históricas, chamam a atenção dos turistas provenientes do mundo inteiro.

Na praça, diante dos palácios da Região e da Província, ergue-se o monumento ao divino poeta, Dante Alighieri. É o monumento mais significativo de todos os demais da cidade. Nobre e severa a Alameda Belenzani onde estão os palácios do renascimento: Cóllico, Comunale, Alberti e Geremia.

Enfim, Trento é uma cidade antiga, duas vezes milenar, cujos edifícios conservam o mesmo estilo desde a sua construção. Nem é permitido demoli-los ou reformá-los, pois são a história viva do passado. Ainda hoje lá existem enormes blocos de muralhas de pedra que circundavam a velha Trento. Quatro torres uniam as muralhas em 4 pontos diferentes: Torrione, Augusto, Verde e Vanga. Dois portões serviam para entrar e sair da cidade: Veronese e Áquila.

A cidade está construída numa planície, rodeada pelos Alpes cujos píncaros se elevam a 2.600 m entre os quais se distinguem a panorâmica Paganella, Bondone e Vigolana.

Foi dessa cidade histórica, que partiram os antigos imigrantes trentinos em 1875, para o Vale do Itajaí.

ACONTECEU... --- --- Fevereiro de 1981

DIA 1º — Doada pelo Presidente da Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente — FATMA —, chegou às mãos do prefeito Renato de Mello Vianna uma coleção de 150 fotografias, desenhos litográficos, que retratam aspectos da fundação e do desenvolvimento de Blumenau no período de 1850 a 1930. A entrega foi feita pelo titular da FATMA, sr. Eduardo Santos Lins e trata-se de um patrimônio histórico e cultural de elevado valor que haverá de enriquecer sobre maneira o acervo histórico de Blumenau hoje reunido no volumoso contexto existente no Arquivo Histórico pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau".

— DIA 2 — Tomou posse do cargo de presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, sub-seção de Blumenau, o advogado Renato Wolff.

— DIA 3 — O Prefeito Renato Vianna recebeu notícias do Rio de Janeiro informando que o município de Blumenau havia sido classificado em 23º lugar como município mais desenvolvido do país e o primeiro no Estado de Santa Catarina.

DIA 9 — A convite do prefeito Renato Vianna, proferiu palestra no anfiteatro da FURB o professor Celso Antônio Bandeira de Mello, da Universidade de São Paulo.

— DIA 9 — Relatório apresentado ao prefeito municipal pela Secretaria de Saúde e Bem Estar Social, revela que durante o mês de Janeiro, foram atendidas pelo Serviço de Saúde daquela Secretaria, 6.070 pessoas, entre serviços de curativos, aplicações de injeções e de medicamentos, consultas médicas, tomadas de temperatura e de pressão arterial e assistência a gestantes, crianças e adultos. No setor de Odontologia Sanitária, atendeu a 426 pessoas, entre extrações de dentes, restaurações e tratamentos gerais.

— DIA 11 — Designado pelo Prefeito Renato Vianna, assumiu a direção do Serviço Autônomo de Terminais Rodoviários de Blumenau — SETERB — o engenheiro Luís Procópio Gomes, figura muito benquista e conceituada em Blumenau, o qual durante muitos anos ocupou a chefia da Residência do DER em Blumenau.

— DIA 13 — O agricultor blumenauense Oswaldo Metzner, produtor de milho, feijão e arroz, localizado no bairro Fortaleza, foi contemplado com um dos prêmios instituídos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA — para produtores rurais de Santa Catarina, que obtiveram os melhores índices de produtividade em suas colheitas. Por isso, recebeu neste dia, das mãos do delegado regional do INCRA, um cheque de trinta mil cruzeiros e uma

medalha. O sr. Oswaldo Metzner fez-se acompanhar no ato pelo Secretário de Agricultura da Prefeitura, agrônomo Renato Beduschi, tendo ambos comparecido ao Palácio do Governo, em Florianópolis local da cerimônia.

— DIA 14 — Instalou-se, no Teatro Carlos Gomes, um seminário nacional de Câmara Júnior, visando divulgar e debater os verdadeiros objetivos do movimento.

— DIA 19 — Reunidos nesta manhã com o prefeito Renato Vianna, os empresários Hans Prayon e Caetano Deeke de Figueiredo, diretores da Empresa Blumenauense de Turismo — BLUTUR — foram anunciar oficialmente ao chefe do Executivo blumenauense a definição da área onde será construída a cervejaria de Blumenau. A Prefeitura participará da empresa, com a concessão de uma área de 16 mil metros quadrados, localizada no final da rua Pastor Oswaldo Hesse, junto aos limites do Camping municipal. Segundo os cálculos dos empresários, a cervejaria deverá estar instalada e produzindo em dois anos.

— DIA 23 — Foi inaugurada em Blumenau a Escola Básica "Comendador Arno Zadrozny, que a nível de primeiro grau, visa oferecer aos alunos, a iniciativa profissional em várias técnicas industriais. Localiza-se no bairro Garcia e é sucessora do antigo Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT).

FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU NO CURSO DE CONSERVAÇÃO DE LIVROS E DOCUMENTOS

Seguiu domingo, dia 22 deste mês, para o Rio de Janeiro a professora Sueli Maria Vanzuita Petry, responsável pelo Arquivo Histórico da Fundação Casa Dr. Blumenau. Na antiga capital federal Sueli participará de um curso sobre Conservação e Restauração de Livros e Documentos, promovido pelo MEC-Fundação Casa Rui Barbosa, e desenvolvido de 23 de março a 15 de abril. Em sentido amplo o curso objetiva capacitar profissionais a auxiliar no trabalho de restauração de livros e documentos, e é dirigido às áreas de arquivologia, biblioteconomia, museologia e outras áreas afins.

O programa é composto de Parte Teórica e Prática. Na teórica estão inclusos o Papel (histórico, origem, evolução e agentes agressores); Critérios para a preservação do material arquivístico e bibliográfico; Critérios éticos e estéticos de preservação; Encadernação; e Química. A parte prática aborda a conservação e restauração de livros e documentos (documentação fotográfica, fichamento, limpeza mecânica, etc.).

A professora Sueli Petry participa do curso sob os auspícios da Prefeitura Municipal/Fundação Casa Dr. Blumenau.

Valiosas doações de livros enriquecem a nossa Biblioteca

Pela importância de que se revestem as doações recebidas ultimamente, achamos justo o registro nesta edição, uma doação e uma compra de livros no sistema adotado pela Fundação. Com este registro, queremos agradecer de público às pessoas que vêm colaborando conosco, no enriquecimento de nossas estantes que estão à disposição do público leitor. Eis a relação das obras recém-adquiridas ou recebidas por doação, destinadas à Biblioteca "Dr. Fritz Müller".

LIVROS DOADOS — Doador: Douglas Maurício Zunino — Rua Eng^o Odebrecht 97 — Garcia:

OS SATÉLITES ARTIFICIAIS — Biblioteca Salvat Editora do Brasil S. A.; TEORIA DA IMAGEM — idem; LINGUÍSTICA E SIGNIFICAÇÃO — idem; AS NOTÍCIAS E A INFORMAÇÃO — idem; O LIVRO ONTEM, HOJE E AMANHÃ — idem; A TELEVISÃO — idem; PEQUENA HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR — José Ramos Tinhorão; OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO — André Gide — Editora Abril; SONHOS CRIATIVOS — Patricia Garfield; FREUD E A PSICANALISE — Biblioteca Salvat de Grandes Temas; CÉREBRO E CONDUCTA — idem; POBREZA (A) NAS GRANDES CIDADES — idem; EVOLUÇÃO (A) DAS ESPÉCIES — idem; HEREDITARIEDADE, MEIO E EDUCAÇÃO — idem; EXPLOSAO (A) DEMOGRÁFICA — idem; ORIGEM (A) DA VIDA — idem; ENSAIOS — OS PENSADORES — EYQUEM (MICHEL) DE MONTAIGNE.

LIVROS ADQUIRIDOS PELA FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU — Por Cr\$ 1.500,00:

Âmbar Negro: Phyllis A. Whitney; Água Viva: Gilberto Braga; Inferno na Torre: Richard Martin Stern; Demian: Hermann Hesse; Depois de Navarone: Alistair Maclean; Sete Lágrimas para Apolo: Phyllis Whitney; Novos Mistérios do Triângulo do Diabo: Winer, Richard; Os Sobreviventes - A Tragédia dos Andes: Piers Paul Read; Alegres Memórias de um Cadáver: Roberto Gomes; Críticas da razão tupiniquim[†] Roberto Gomes; O Dom de Voar: Richard Bach; As testemunhas Rebeldes: Georges Simenon; O Deus Escorpião: William Golding; Pátria Amada: J. M. Simmel e Almanaque Mundial 1976: Editorial América.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Registro da informação dada pela Câmara em uma Petição de João Antônio da Silva Apolinário e José Thomas da Costa e Manoel José da Costa, em que pedem a S. Excia. meia légua de terra em quadro na margem grande ao Sul do Rio Camboriú:

Ilm^o. e Exm^o. A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em virtude do respeitável Despacho de V. Excia. do 1^o de Dezembro do ano passado, tem a informar que procedendo as deligências da lei sobre a pretensão requerida pelos suplicantes, estão devolutas ou não, porquanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma e por isso julga estar nos termos de serem concedidas aos suplicantes, porém sobre tudo V. Excia. mandará o que fôr justo. Porto Belo, 21 de Abril de 1842 — João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa — Antônio Moreira da Silva — Antônio José de Medeiros — Thomas Francisco Garcia — João Corrêa Rebelo.

*

Registro da Informação dada pela Câmara em uma Petição de Marcos Antônio da Silva Mafra, morador na cidade e Joaquim da Silva Mafra, morador em Itajaí, em que pedem a S. Excia. um terreno de mil e quinhentas braças de terras em quadro e uma Ilha que terá 300 braças em quadro, acima do Salto do Rio de Itajaí Açú, estremando com as terras concedidas ao Tenente Coronel Agostinho Alves Ramos.

+

Ilm^o. Snr^o. — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em virtude do respeitável Despacho de V. Exci^a, de 27 de outubro do ano passado, tem a informar que procedendo as deligências da lei sobre a pretensão requerida pelos suplicantes estão ou não devolutas, porquanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma e por isso julga estar os terrenos, digo, estar nos termos de serem concedidos aos suplicantes, porém sobre tudo V. Excia. Mandará o que fôr justo. Porto Belo 21 de Abril de 1842 — João da Cunha Bitancourt, Bernardo Dias da Costa, Antônio Moreira da Silva, Antônio José de Medeiros, Thomas Francisco Garcia, João Corrêa Rebelo.

*

Registro da Informação dada pela Câmara em uma petição de Manoel Joaquim Rodrigues Pereira em que pede a S. Exci^a. 1.500 braças de terra em quadro no sertão do Rio Camboriú:

Ilm^o e Exm^o. Sr. — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo em virtude de respeitável despacho de V. Excia. de 3 de dezembro do ano passado, tem a informar que procedendo as deligências da Lei sobre se a pretensão requerida pelo suplicante estão ou não devolutas

por quanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma, e por isso julga estarem nos termos de serem concedidas ao suplicante, porém sobretudo V. Exci^a. mandará o que fôr justo.

Porto Belo, 21 de abril de 1842 — João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa, Antônio Moreira da Silva, Antônio José de Medeiros, Thomas Francisco Garcia — João Corrêa Rebelo.

*

Registro da Informação dada pela Câmara em uma petição de Manoel Joaquim d'Almeida Coelho, em que pede a S. Excia. um terreno no sertão de Rio Camboriú sobre a margem direita confirmando pelo Leste com o alemão José Mila (Sic) e pelo Oeste com terras do Alferes João da Cunha de Souza, pelo Norte com a dita margem pelo Sul com o mesmo sertão com o fundo de mil e quinhentas braças.

Ilm^o. e Exm^o. Sr^o — A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, em virtude do respeitável Despacho de V. Excia. de 3 de dezembro do ano passado, tem a informar que procedendo as deligências da Lei, sobre se a pretensão requerida pelo suplicante, estão ou não devolutas por quanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma e por isso julga estar nos termos de serem concedidas ao suplicante, porém sobre tudo V. Excia. mandará o que fôr justo.

Porto Belo, 21 de abril de 1842 — João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa — Antônio Moreira da Silva — Antônio José de Medeiros — Thomas Francisco Garcia — João Corrêa Rebelo.

REGIONALISMO (')

Por Enéas Athanázio

O regionalismo é a escola ou tendência literária que busca enfatizar as características de uma determinada região, visando destacar a cor local. Aproveita a paisagem geográfica, a filosofia de vida e a psicologia do povo, seus usos e costumes, o folclore, e, sobretudo, o linguajar, tudo isso diluído no contexto ficcional. Como disse João Ribeiro, é um fio de colorido próprio no tecido da cultura nacional.

Essa inclinação no sentido de captar o homem e a paisagem locais impede o transplante da estória para outro lugar sem desfigurá-la ou sem grande esforço de adaptação.

Situou-se o regionalismo, na sua época mais expressiva, no período histórico do chamado pré-modernismo, que se estendeu do início do Século até a Semana de Arte Moderna e contribuiu de forma positiva para esse movimento renovador das letras e da cultura brasileira. Teve, e ainda tem, valores representativos em todo o país, na poesia, no conto e no romance.

A idéia do regionalismo vincula-se, no Brasil, ao latifúndio e ao

“coronelismo”, como se fosse a tendência de conotações estritamente rurais, o que, na verdade, nem sempre ocorre. Lima Barreto — para ficar apenas num exemplo — foi um escritor eminentemente urbano (ou suburbano, como ele próprio preferia) e aos mesmo tempo regionalista. Sua obra, se deslocada do Rio de Janeiro, perderia autenticidade e ficaria desfigurada. (1)

O abuso desses ingredientes a que antes aludimos levantou contra o regionalismo uma onda de críticas, fundadas umas, infundadas outras, e que culminou se consolidando em autêntico preconceito contra ele. A sua pretensa incapacidade de universalizar-se é o reparo mais repetido. “Os regionalistas típicos — escreveu o Prof. Alfredo Bosi — esquivaram-se aos problemas universais, concentrando-se na estilização de seus pequenos mundos de província, cujo passado continua virgem para a literatura brasileira.” (2) Não obstante, reconhece o arguto mestre, os expoentes mais atilados da escola, como Graça Aranha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, refletiam em sua obra de ficção as inquietações universais e as grandes questões de sua época.

Para outros, numa argumentação deveras frágil, reflete o regionalismo um sentimento bairrista e desagregador, espécie de ufanismo provinciano e que deseja realçar qualidades locais em detrimento de regiões outras. Na verdade assim não é, eis que o regionalismo retrata o meio no que tem de bom e de mau, colaborando para um conhecimento perfeito das várias regiões, e, assim, do país como um todo. Ademais, como é evidente, quase todo escritor guarda um pouco de regional.

Mas é o “coronelismo”, de que usou e abusou a corrente regionalista, em especial a do Nordeste, que merece as mais severas restrições da crítica. As estórias envolvendo os “coronéis” e seus “cabras” provocam retorcer de narizes críticos e colocam muitos analistas em posição de desferir cocres nas cabeças de seus incautos autores. Para o crítico Francisco Miguel de Moura o ser regionalista é quase uma ofensa, “uma acusação.” (3) E muitos outros, cuja posição é conhecida, põem de lado, como imprestável, qualquer obra regional, mormente se ela retrata “coronéis.” (4)

Ora, essa posição, como toda posição radical, não tem sentido. O “coronelismo” é um fato social existente, de funda repercussão na vida brasileira, como tão bem o demonstrou o sociólogo Victor Nunes Leal, e sua presença na realidade econômica, social e, acima de tudo, política do Brasil é um fato incontestável. (5) Sua liderança despótica às vezes, deu-lhe sempre uma posição de destaque na vida interiorana (e até urbana), contribuindo para a estruturação de muitas de nossas instituições. Se figuras urbanas as mais variadas, algumas até destituídas de moralidade, com os seus característicos e seu linguajar típico, são validamente aproveitados na ficção, por que não pode, ou não deve, o “coronel” integrar esse processo? É uma pergunta sem resposta, o que nos autoriza a concluir que essa idiossincrasia crítica se constitui numa birra do “coronel.”

Essa figura, hoje em franca decadência, é, aliás, muito curiosa. Tempo houve — como assinalou Lima Barreto — em que era quase tão poderoso quanto um senhor feudal, faltando-lhe apenas, para que a ele se igualasse, o dispositivo militar e o poder de cunhar a moeda. “Isolada na sua vastidão, — observou o escritor carioca, — a fazenda era como um feudo em que seu dono governava, distribuía justiça, ditava leis, a seu talante, só não cunhava moeda para vir a ser um verdadeiro príncipe soberano. Falta-lhe também o aspecto militar do feudo antigo, para ter uma completa semelhança com o senhorio medieval.” (6)

Embora em declínio e bastante modificada, a mentalidade “coronelista” ainda perdura. (7) O “coronel” de hoje é educado, esclarecido, muitas vezes até doutorado. Não tem mais esse título e nem por ele é tratado. Em muitos casos nem sequer reside no feudo. “Outras vezes — anota Nunes Leal. — o chefe municipal, depois de haver construído, herdado ou consolidado a liderança, já se tornou um absentista. Só volta ao feudo político de tempos em tempos, para descansar, visitar pessoas da família, ou, mais frequentemente: para fins partidários.” (8) Não é difícil, pois, identificá-lo e posso vislumbrá-lo em cada lugar onde passei nesta vida de andanças...

Não obstante, o que parece desagradar aos críticos é a faceta pouco amável que se desvenda no “coronelismo.” Ele, com efeito, recorda o latifúndio, o voto de cabresto, o tráfico de influência e outras bem conhecidas mazelas. Ricardo Ramos, em livro de ficção aproveitou alguns desses aspectos numa narrativa densa e veraz. (9) Mas, por outro lado, afóra aqueles já alinhados, o “coronel” tem aspectos positivos. A sua coragem desbravadora, o amor, a defesa e a consolidação da propriedade, o sentimento libertário e a personalidade forte, de arestas não aparadas, fazendo de cada um deles um indivíduo autêntico, personalíssimo, mantendo suas idéias originais e diferentes até do vizinho mais próximo. Isso tudo, como se percebe, tende a desaparecer, e à literatura cabe preservar essas figuras antes que todos fiquem iguais a nós, homens da cidade, vivendo as mesmas vidas e enfrentando os mesmos problemas, em idênticas circunstâncias.

Em Santa Catarina o regionalismo é uma corrente deveras modesta. Ao contrário dos Estados vizinhos, poucos são os seus representantes em nossas letras. O Rio Grande do Sul, para referir apenas o mais importante, nos deu o grande Simões Lopes Neto, a quem o mencionado Alfredo Bosi considerou “o mais poderoso e o mais artista de todos” e cuja influência foi inigualável, e, por vezes, até excessiva. Senhor de uma linguagem riquíssima, inçada de dialetismo, modismos e castelhanismos, o autor de “contos Gauchescos” e “Lendas do Sul” tem “uma profunda identificação com a atmosfera regional, tão profunda que chega à quase despersonalização do escritor e que tanto distingue Simões Lopes Neto dos mestres no gênero”, como enfatizou Moysés Vellinho. (10) Suas páginas, numa curiosa carreira póstuma

de escritor, transpuseram as fronteiras da província natal, conquistaram o país e encontraram eco no além-mar.

Também no Paraná é pujante o regionalismo e inúmeros são os que se filiam à escola. Avulta dentre eles o nome de Júlio Pernetta, o introdutor do regionalismo na literatura brasileira, segundo afiançou Andrade Muricy. (11)

Dois expoentes principais, em épocas diferentes, preenchem o vazio nas letras catarinenses. Tito Carvalho retratando a vida dos Campos Gerais e Guido Wilmar Sassi também nessa região e no palco oestino.

O primeiro deles, autor do livro de contos "Bulha d'Arroio" e do romance "Vida Salobra", esmera-se no linguajar, sendo evidente, nesse aspecto pelo menos, a influência do mestre gaúcho Simões Lopes Neto. Embora seja inegável a sua força de ficcionista, agudo senso de observação e imaginação criadora, sua linguagem é por demais enriquecida, perdendo em autenticidade. Como já se observou e com inteira procedência, a fala de nosso campeiro é mais pobre que a do riograndense. E com isso o grande escritor conterrâneo se afastou em muito da nossa fala, aproximando-se mais da gaúcha. O exame atento de seus escritos revela uma expressão distanciada da realidade catarinense, assemelhada mas diferente daquela do vizinho do sul, mesmo na época em que escreveu. Sua obra revela um pesquisador incansável de termos e expressões regionais, exprimindo-se em autêntico dialeto. Mas isso não lhe retirará jamais o mérito de talentoso abridor de caminhos nas letras coestaduanas.

Guido Wilmar Sassi é um escritor que anda meio esquecido dentro das fronteiras do nosso Estado. Não obstante, é um dos poucos nomes das letras catarinenses de real destaque nacional e autor de uma obra significativa.

Nascido em Lages, viveu a infância em Campos Novos, participou do chamado "Grupo Sul" e reside hoje no Rio de Janeiro, arredio e afastado das coisas literárias.

Estreou na literatura em 1953 com o livro de contos "Piá", muito bem recebido pela crítica e que — como acentuou Edgard Cavaleiro — "era a revelação de um ótimo contista, hábil no captar a poesia e o drama do cotidiano e transfundí-los em obra de arte."

Além desse livro, publicou "Amigo Velho", igualmente de contos, e que lhe valeu o Prêmio Arthur Azevedo, conferido pelo INL ao melhor livro do ano no gênero. Lançou depois o excelente romance "São Miguel", que agora surge em segunda edição, (12) cuja trama se desenvolve no extremo Oeste, voltando ao gênero com "Geração do Deserto", romance que foi levado à tela, em 1971, sob o título de "A Guerra dos Pelados", numa alusão aos seguidores do "monge" José Maria de Agostinho, que costumavam raspar a cabeça. Fez uma incursão pela ficção científica com o livro "Testemunha do Tempo."

Suas estórias ganharam as páginas de diversas antologias, a exemplo de "Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro" (organizada

por Edgard Cavalheiro), "Vinte Histórias Curtas", "Panorama do Conto Catarinense", "Assim Escrevem os Catarinenses", "Pinheirais e Marinhas", "Contistas Novos de Santa Catarina", "Antologia do Novo Conto Brasileiro", "A Cidade e as Ruas", "Imbondeiro Gigante" (publicada em Angola) e "Moderne Brasilianische Erzähler", da Alemanha Ocidental. Sem falar nas inúmeras publicações de seus trabalhos em jornais e revistas.

Classificado como regionalista dos "Gerais Catarinenses", Sassi iniciou nas letras brasileiras o "ciclo do pinheiro." Seu linguajar, embora explorando nuances locais, não é o fundamental de sua obra e não é sobre ele que incide sua preocupação primeira. Seria, — para usar as palavras de Lauro Junkes, — um regionalista mais de fundo que de forma, ao passo que o aspecto social e humano, econômico e geográfico, sobrepõem. O pinheiro, derrubado de maneira implacável e indiscriminada, e as consequências daí decorrentes, constituem-se em temas que se envolvem constantemente nas suas narrativas.

A árvore outrora tão abundante é presença quase indispensável nos seus contos.

A devastação das matas, a extinção da fauna, o desfigurar da paisagem, as serrarias devoradoras de homens e fabricantes de aleijões, tudo se reflete na sua obra de ficção. Nesse contexto, sua obra é amarga, refletindo o inconformismo de um escritor sensível aos maléficos passos do homem na trilha da destruição da natureza e dos seres que dela dependem.

Em "Amigo Velho", por exemplo, João Onofre sofre silencioso e vê a própria vida abreviada pelo corte de "seu" pinheiro, a árvore bendita que a ele e aos filhos alimentou nos momentos de penúria, quando a serraria já usurpara as forças dos seus melhores anos de existência. E a cruz que marcou seu túmulo miserável, por paradoxo do destino, provinha do lenho da própria árvore querida.

"Noite", outro de seus grandes contos, registra uma vingança do pinheiro. O personagem, preso no alto de seus galhos, sem meios de atingir o solo, une seus gritos inúteis aos da mulher grávida, irmandando-se na comunhão do desespero, enquanto a noite gélida caía sobre o ermo dos campos.

Escritor vigoroso, Guido Wilmar Sassi é um exemplo de ficcionista consciente e sincero e a sua obra enriquece o regionalismo brasileiro.

Côncio do valor desses antecessores e com uma visão muito nítida dos óbices antepostos ao caminho, optei, não obstante, pela corrente regionalista. Impregnado desde a infância das coisas dos Campos Gerais, senti sempre com intensidade aflitiva que ali estava um veio forte e rico que muito oferecia à exploração ficcional. Mas sempre tive uma consciência muito aguda das dificuldades do escritor e por isso tentei fugir ao compromisso mais sério com as letras. Só depois dos trinta me decidi pela publicação do primeiro livro. Essa decisão veio de repente, numa tarde de céu anilado e sol amarelo. Es-

tava só em meio ao campo silencioso, a perdiz piava ao longe, o vento embalava as árvores. Aquela beleza, tão suave e serena, me tocou fundo e eu me admirei que tão escassos catarinenses tentassem retratá-la nos seus contos. Resolvi, então, que eu o faria; pelo menos tentaria. Num desafogo, num alívio, entreguei-me à inclinação.

Nasce, então, em 1973, "O Peão Negro", como a marcar o ressurgimento do conto regionalista em Santa Catarina. Cheio de falhas e defeitos, por certo, aparece vincado pela sinceridade, ressumando aquilo que me parece mais autêntico e real nas coisas e nas gentes serranas e que são, em última análise, as minhas próprias, campeiro que sou e descendente de "coronéis." Segue-se, em 1976, "O Azul da Montanha", completando-se a trilogia com "Meu Chão" (1980), panorama do que tem a região de belo e de feio, de bom e de mau.

Fugindo com deliberação às influências alheias, busquei escrevê-los com sinceridade, vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos e sentindo com o coração vazio de preconceitos. Mal ou bem, não importa, aí estão. Se não logram preencher o vácuo de uma região, pelo menos poderá ela dizer presente no mapa literário catarinense. (13)

Quis o destino que não ficasse só nessa caminhada. Em 1976, com "Bandeira do Divino", surge ao meu lado um escritor de talento, por coincidência amigo e colega, Edson Ubaldo. Agora, com seu segundo livro, — "Rédea Trançada", — ele se impõe em definitivo e vem reforçar com sua arte a presença débil que os "Gerais" tinham na minha. (14)

Cabem aqui algumas observações finais. Não é sem surpresa que se nota, de alguns tempos para cá, um grande e renovado interesse pelas coisas, em especial o folclore. São filmes, exposições, debates, ensaios e livros surgindo em toda parte. Boa parcela dos intelectuais, como que enjoados de influência externas, se voltam para os temas brasileiros, numa espécie de retorno às origens, ainda que se defrontem a tendência de imitar existente na maioria.

Livros como "O Folclore em Questão", de Florestan Fernandes, e "O Turista Aprendiz", de Mário de Andrade, se vendem muito bem, são lidos, discutidos e encontram ressonância na imprensa e na crítica. Embora versem temas nossos e mais ligados ao meio rural.

A vida de Delmiro Gouveia está em plena evidência. Mereceu um bom filme, foi analisada em ensaios, contada em reportagens. Era um autêntico "coronel" interiorano, imbuído de sincero nacionalismo e de idéias avançadas e um tanto românticas no setor industrial a que se dedicou.

Almeida Jr., pintor paulista, criador do chamado "realismo caipira", volta a interessar o público e suas obras são disputadas pelos colecionadores. (15) A cultura regional nordestina espalha-se pelo país, impõe-se nos grandes centros e encontra tantos adeptos que a "nordestinização" geral preocupa estudiosos e se reflete na grande imprensa. Comida, versos, música, vestuário, literatura de cordel, lin-

guajar, tudo é aceito e contribui para isso. (16) Luiz da Câmara Cascudo, folclorista mais conhecido no exterior que no Brasil, começa a obter o reconhecimento expresso de sua pátria e é aquinhoado em 1978, com o "Prêmio Juca Pato", conferido pela U. B. E. de São Paulo.

Mesmo o regionalismo literário, como que hibernando ante os preconceitos e as críticas que o desancavam, põe as mangas de fora e ressurgue uma grande obra. "Ioiô Pequeno da Várzea Nova", há pouco lançado por Mário Leônidas Casanova, jornalista e professor da U. S. P., merece unânime aplauso de uma crítica até então impiedosa. Também em Santa Catarina, para satisfação nossa, volta às livrarias um dos livros de Tito Carvalho.

Dizem os teóricos que, sempre que a arte se afasta em demasia de suas origens e passa a ser mero produto de gabinete, o chamado inconsciente coletivo impõe uma reverção no sentido das coisas da terra, preparando caminho para uma volta à autenticidade, tentando fugir, ou, pelo menos minimizar a influência alheia, antes que se perca a própria personalidade nacional.

Esse recuo, na verdade, é apenas aparente. É um novo avanço, pois que os tempos não voltam jamais. Embora os ingredientes sejam os mesmos, outras serão as formas estéticas de seu aproveitamento.

Estaremos vivendo o prenúncio de nova revolução artística e literária no país? Ou tudo não passará de mera coincidência?

-
- (1) Palestra proferida na cidade de Canoinhas, em 31 de maio de 1980, por ocasião da "Amostra Coletivo de Escritores", Organizada pela Associação Catarinense de Escritores — ACES.

NOTAS

- (1) "O Pré-Modernismo", Alfredo Bosi, Ed. Cultrix, S. Paulo, 1973, págs. 55/57 e 93/104.
- (2) Op. cit., pág. 56.
- (3) "Linguagem e Comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho", Ed. Artanova S/A, Rio, 1972, pág. 85.
- (4) Ressalvo, em nome da justiça, os críticos catarinenses. Pelo menos em relação à obra do autor, nenhum deles se mostrou preconceituoso.

- (5) "Coronelismo, Enxada e Voto", Victor Nunes Leal, Ed. Alfa-Omega, S. Paulo, 1975.
- (6) "Impressões de Leitura", Lima Barreto, Ed. Brasiliense, S. Paulo, 2ª ed., 1961, pág. 141.
- (7) "O vocábulo "coronelismo", introduzido desde muito em nossa língua com acepção particular, de que resultou ser registrado como "brasileirismo" nos léxicos aparecidos do lado de cá do Atlântico, deve incontestavelmente a remota origem de seu sentido traslato aos autênticos ou falsos "coronéis" da extinta Guarda Nacional. Com efeito, além dos que realmente ocupavam tal posto, o tratamento de "coronel" começou desde logo a ser dado pelos sertanejos a todo e qualquer chefe político, a todo e qualquer potentado." (Cf. Prof. Basilio de Magalhães, IN "Coronelismo, Enxada e Voto", cit., pág. 19).
- (8) Op. cit., pág. 22.
- (9) "Os Caminhantes de Santa Luzia", Ricardo Ramos, Ed. Martins 3ª. ed., 1974.
- (10) "Simões Lopes Neto — Contos e Lendas", Livraria Agir Editora, Coleção "Nossos Clássicos", Rio, 1960, págs. 8 e 9.
- (11) Sobre o regionalismo no Paraná consultem-se os livros "Panorama do Conto Paranaense", de Andrade Muricy, Edição da Fundação Cultural de Curitiba, 1979, e "Letras Paranaenses", de Felício Raitani Neto e Colombo de Sousa, Ocyron Cunha Editor, Curitiba, 1971.
- (12) Edição Antares/MEC — 1979.
- (13) "O Peão Negro", contos, Ed. do Escritor, S. Paulo, 1973; "O Azul da Montanha", contos, idem, idem, 1976; "Meu Chão", contos, idem, idem, 1980, afora contos insertos em coletâneas.
- (14) "Bandeira do Divino", contos, Ed. do Escritor, S. Paulo, 1976; "Rédea Trançada", contos, Ed. Soma, S. Paulo, 1980, e contos incluídos em antologias.
- (15) Revista "Veja", 30 de abril de 1980, pág. 90.
- (16) Revista "Visão", 19 de maio de 1980, pág. 44.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

VIII

Paul Schroeder era, não só conterrâneo do Dr. Blumenau, como também de Hasselfelde, pequena cidade do Harz, entre as serras alemãs, ao norte, e situada a 450 metros de altitude, distante 20 quilômetros a sudeste do Brocken, que, segundo as lendas alemãs, era o ponto de reuniões das feiticeiras que lá celebravam "a noite de Walpurgis", a religiosa inglesa, que foi abadesa de Heidenheim, na Alemanha. E os peregrinos, em grande número, acorriam à sua tumba e às reminiscências dos ritos pagãos, que associavam Walpurgis ao retorno da primavera.

Paul já havia estado com o Dr. Blumenau, quando estudante universitário, que foram em Paris, ambos ainda solteiros.

Todas as vezes que o Dr. Blumenau vinha à Corte, o procurava para negócios de fretes, passagens e até empréstimos. E à noite, quase sempre, saíam para jantar e ir ao teatro, ou em algum cabaré. Apenas, porém, para satisfazer a incrível curiosidade do amigo, que tudo queria saber e conhecer, perguntando sobre tudo, e por vezes, descia a pequenos detalhes, notadamente sobre o comportamento das criaturas humanas em seus vários estágios sociais. Dizia que em cada minuto de sua vida, estava sempre aprendendo um pouco, do que a vida lhe ensinava, como a mais sábia de todas as mestras!

Enquanto caminhavam, ele surpreendeu o amigo, dizendo:

— Paul! Hoje, depois de um exame de consciência bem apurado, enquanto te esperava, sozinho, no quarto do meu hotel, cheguei à seguinte conclusão:

— Não é nada sobre colonização?

— Não! Lembras-te, como em outros tempos nos divertíamos nas noites de Montparnasse, na maravilhosa Paris?

— Bons tempos aqueles, heim, Blumenau?

— Pois bem, meu amigo! Um dia com mais tempo quero percorrer os locais boêmios e das mulheres mundanas do Rio de Janeiro.

— O quê?

Paul Schroeder podia esperar tudo, menos aquele convite à queima-roupa de seu circunspecto amigo.

— Mas o que há contigo, Blumenau? Tu queres conhecer a vida mundana do Rio?

— Quero. E um dia você vai me mostrar tudo isso. Saija que o meu interesse é mais o de pesquisador. Não quero me envolver com ninguém. Apenas observar e analisar.

— Muito bem, meu amigo. Fico a dever-te este passeio. Quando teus grandes aborrecimentos estiverem amenizados e os teus colônios devidamente instalados, volte aqui e eu cumprirei a promessa de mostrar os locais de mais intensa boemia do Rio de Janeiro.

Caminhando e rindo muito da idéia do colonizador, os dois amigos chegaram ao restaurante para o jantar.

Apenas com uma pequena mala de mão, o Dr. Blumenau tomou o veleiro rumo ao Desterro.

Um vento nordeste quente e forte enfunava as velas presas aos três mastros do navio que, ligeiramente adernado para a direita, singrava o mar agitado, levantando, cadenciadamente, a sua proa que, ao descer, cortava as ondas, formando espumas brancas que corriam pelo seu costado e se perdiam no restro que o veleiro ia deixando no seu rumo para o Desterro.

Tão favoráveis eram os ventos que após três dias, já se avistava a costa catarinense e suas lindas praias de areias brancas.

O Dr. Blumenau, na cabine do comandante, que Paul acabara de lhe apresentar e recomendar, comentava:

— Tempo bom, heim, comandante?

— Até aqui sim, na ponta de Itapocoroí! Mas, nuvens negras se formam lá pelo sul e só espero alcançar a baía de Porto Belo para me refugiar e aguardar bom tempo.

Quando passaram ao largo e defronte a barra de Itajaí, ainda soprava o nordeste, que começava a declinar, para quase parar, quando entravam na baía de Porto Belo.

Ele elogiou o cuidado do comandante:

— Comandante, há alguns meses atrás, também ancoramos aqui numa sumaca, a “Borba Gato”, devido a um temporal semelhante.

— Nesta costa é muito comum tais temporais. Graças a Deus, porém, temos esta gigantesca baía, que nos abriga das tempestades bastante perigosas.

Quando o veleiro desceu a âncora e recolheu as velas, o temporal desabou e durou mais de dez horas.

Neste período de espera, o Dr. Blumenau, em seu camarote, se lembrava que fora ali, naquela maravilhosa baía, que ele conhecera, em idênticas condições, a “figura sinistra” do Capitão Guedes, como o chamava o seu amigo Paul. Ele que o detestava, dizia: “Com aquela barriga imensa, sempre coberta por coletes coloridos e ostentando uma grossa corrente de ouro presa ao relógio de bolso também de ouro, numa vã ostentação de riqueza.

O seu corpo grande e balofo, pesando, talvez, mais de 130 qui-

los, coberto por abundantes cabelos; com uma cara morena de mestiço, português e escravo, bigodes espessos, escondendo uma boca com dentes amarelados e coroas de ouro, embaciadas com o alcatrão de seu mal cheiroso charuto. Eis a figura grotesca do famigerado Capitão Guedes!

Enquanto o Dr. Blumenau revivia em memória a figura grotesca do Capitão Guedes, bateram à porta. Era o comandante que vinha convidá-lo para jantar em seu camarote.

IX

Na manhã seguinte, com bom tempo e vento favorável rumaram para o Desterro, onde novos aborrecimentos e tristezas o esperavam.

Depois de se hospedar na pensão de sempre, foi à Alfândega buscar a sua bagagem e plantas.

Quando o encarregado da Alfândega, sempre mal humorado, juntamente com ele, procuravam a bagagem e as plantas, o Dr. Blumenau reclamou:

— Será que os senhores não sabem ondem estão as minhas coisas?

— Aqui no armazém elas não estão. E irritado e nervoso: — Afinal, porque não viajou com o navio?

— Perdi o navio, por culpa do comandante!

— É sempre assim, o pobre do comandante é que tem as costas largas e leva todas as culpas! Fazem suas farras... Perdem o navio...

— Não admito que o senhor me moleste, com suposições absurdas!

— Tu és estrangeiro, não és?

— Sou alemão, por que?

— Ah!... Então tu és o alemão que perdeu o navio! Vem cá a tua bagagem e as tuas plantas estão aqui fora!

Quando o Dr. Blumenau deixou o armazém acompanhado do encarregado que lhe mostrou donde estavam as suas coisas, este sumiu rápido ao perceber o estado em que se encontravam no pátio a bagagem e as plantas do Dr. Blumenau.

— Santo Deus! Que calamidade! — Quando procurou o encarregado, ele já tinha desaparecido. — Minhas roseiras! Todas mortas!

Chorou, lembrando-se das roseiras que lhe dera com tanto carinho a sua velha mãe!

Ainda com os olhos vermelhos, olhando desesperado para o monte de plantas atiradas umas sobre as outras, como quem atira num monturo de lixo, notou que duas roseiras ainda tinham suas folhas verdes.

Com cuidado, pisando vagarosamente, conseguiu apanhá-las do monturo as duas únicas roseiras que se salvaram.

Cuidadosamente ergueu-as dos escombros e ao tê-las em suas mãos nervosas, reconheceu, pela plaquinha de metal que sua mãe revestira com pano e bordara, cuidadosamente: "Roseiras do papai", e numa caixa colocara junto com as demais que ela lhe dera.

Ao desprender do caule o arame que segurava a plaquinha, limpou bem e viu o bordado perfeito que sua mãe fizera com tanto capricho e cuidado, lhe recomendando: "Meu homenzinho, toma cuidado! Mas, muito cuidado mesmo desta roseira que marquei, especialmente, com a plaquinha que bordei "Roseira do papai". São as rosas que o papai mais gosta e me pediu para lhe dar marcadas. O pano bem costurado, revestindo a plaquinha, estava intacto. E ele se lembrou das palavras de sua velha mãe: — "Quando fores te despedir dele em seu quarto, que infelizmente não está bem de saúde, ele vai te fazer uma recomendação e um pedido!"

Quando ele entrou com a roseira nas mãos no quarto de seu pai enfermo, ele com muito custo sentou-se na cama e pediu, com voz pausada e cansada:

— Hermann! Não deixes que esta roseira morra nunca! Etxerte-a como aprendestes comigo no Horto Florestal, e transplante-a quantas vezes forem preciso, contanto que a mantinhas sempre viva e florida, porque ela te lembrará sempre a tua velha mãe e o teu velho pai, aposentado e já no fim de sua vida, meu filho querido".

Sozinho, abraçado às roseiras, ele, chorando, apertou-as contra o peito, puxou a plaquinha, limpou-a da terra, sacudindo-a, tirou do seu bolso a carta em que sua mãe lhe comunicava a morte de seu pai e colocou-a dentro do envelope, guardando-o carinhosamente como quem guarda a mais preciosa de todas as reliquias!

Ele olhou para o céu e agradeceu a Deus o que para ele era um milagre, sentindo naquele momento de dor e desespero, que os céus não o abandonaram, voltando mais forte do que nunca a Fé de que ele mais carecia para enfrentar momentos como este e outros que ainda viriam.

Naquela noite, as roseiras dormiram em seu quarto, e delas ele nunca mais se separou e viu mais tarde florirem em sua colônia, exatamente como seu pai recomendara!

Elas eram a presença de seus pais e envolviam uma saudade que ele nunca pôde esquecer.

X

Finalmente, os bons ventos da sorte e esperança sopravam a favor do colonizador, depois dos disabores e aborrecimentos na alfândega do Desterro, onde encontrou a sua bagagem e plantas transformadas num monte de lixo.

Ao visitar o major Anacleto, encontrou em sua loja, conversando com ele, o Cte. Moreira, da sumaca "Borba Gato", que estava de partida para Itajaí.

O Cte. Moreira, assim que viu o Dr. Blumenau, lhe disse:

— Como é, vamos para Itajaí? Parto amanhã cedinho!

— Que boa notícia, comandante! A que horas devo estar a bordo?

— Antes do sol nascer, Dr. Blumenau! Digamos, às cinco da manhã, está bem?

— Ótimo! Sou madrugador! Como vai o meu amigo, Major Anacleto e os seus! Dona Matilde, como passa?

— Graças ao bom Deus, todos vão muito bem, Dr. Blumenau! E o sr., como está passando? De onde veio?

— Da Corte, depois de uma viagem interrompida e muitas decepções ao chegar aqui! Mas vamos falar de coisas agradáveis. Tem notícias do Major Agostinho?

— Sim, Dr. Blumenau! Aliás, parece que o seu sócio está querendo mesmo vir para o Desterro e desistir de tudo lá na sua colônia.

— De fato! Tenho carta de Hackradt, recebida quando na Corte, pedindo para rescindir a nossa firma. Mas, vou tentar, como já fiz anteriormente, que ele desista dessa idéia, que já tem há muito tempo e passou a ser uma obsessão, de me abandonar depois de quase três anos de companheirismo e tantas lutas, juntos!

— Dr. Blumenau, o seu sócio já está com o senhor há três anos?

— Major! Acredito que no fim deste ano de 1850, ele completará três anos comigo, porque foi em fins de 1847, que nos encontramos na Corte e eu convidei-o para juntos colinarmos no sul. Nem havíamos ainda escolhido a região. Como, porém, ele já havia estado aqui na Província, entusiasmou-me, para que fizéssemos a nossa primeira viagem, o que realizamos no começo de 1848, para estudarmos, "in loco", tal possibilidade e desde então, estamos sempre juntos e eu não tenho nenhuma vontade que ele me deixe, gosto de manter minhas amizades e dificilmente as perco.

— Não só tenho a impressão de que seu sócio continuará, como assim espero, porque sei do seu jeito todo especial e maneiroso de convencer as pessoas! O Dr. Blumenau tem voz mansa e muita persuasão...

O Dr. Blumenau, rindo, interrompeu o Major Anacleto:

— Mas ao senhor, eu não convenci de entrar em minha sociedade.

O Major Anacleto não esperava por esta e respondeu meio sem graça:

— Dr. Blumenau, eu...

— Major Anacleto, o sr. já me deu todas as explicações. Apenas estou brincando com o amigo!

Cte. Moreira, ao se despedir, confirmou a hora da saída, cinco da manhã.

Quando saíram à barra do Desterro, o sol ainda não nascera e as estrelas brilhavam no céu limpo e claro.

Tão logo os primeiros raios de sol apareceram, o Dr. Blume-

nau apanhou em seu camorete as roseiras e as trouxe para o convés, para apanharem sol e ficou vigiando-as cuidadosamente.

O vento sul regular fazia a sumaca deslizar célere, cortando as pequenas ondas sem jogar muito e tornando a viagem agradabilíssima.

Ao cair da tarde, ela entrava firme e segura na difícil barra do Itajaí.

O Major Agostinho, no trapiche, ficou surpreso quando viu o Dr. Blumenau desembarcando e foi logo ao seu encontro, satisfeito e alegre:

— Então, Dr. Blumenau! De volta novamente, fez boa viagem?

— Excelente, Major! Vim para esperar os meus primeiros colonos! Deverão chegar, diretamente para aqui, até fins do mês ou o mais tardar, no começo de setembro.

— Ótimo Dr. Blumenau! São muitos?

— Apenas dezesseis com um sobrinho meu, dezessete ao todo! O sr. não calcula, Major, como está difícil de se conseguir imigrantes alemães. O mundo inteiro parece querer esvaziar a minha pátria levando meus patricios da forma mais absurda e vergonhosa! Há verdadeiros leilões de “mercadoria humana”, Major! Nem gosto de falar sobre este tão vergonhoso assunto!

— São poucos, mas, é o começo, não é, Dr. Blumenau?

— Exatamente Major! As montanhas são feitas de pequenos grãos de areia.

— Aos poucos, vagarosamente, sem pressa, faremos a nossa montanhazinha lá na minha colônia! Major, peço me colocar estas duas roseiras, cuidadosamente, ao sereno hoje, mas cuidado pra nenhum animal destruí-las!

— Não se preocupe, Dr. Ana cuidará delas como se fossem um filho. Ela adora roseiras!

— E o Ângelo? Quero seguir amanhã cedinho para a colônia Major.

— Já vou mandar chamá-lo, agorinha mesmo.

— Tem tido notícias do Hackradt?

— Esteve aqui o mês passado trazendo uma balsa de toras de canela e levou mantimentos, ferramentas e serras.

— Não lhe falou nada sobre desistência ou coisa parecida? E o preço da madeira como vai, Major?

— Está baixo, Dr.. Quase não há comprador. E o seu Ferdinando não fala noutra coisa senão em ir embora de lá. Está para ir pro Desterro.

— Bem, Major, vou me preparar para o jantar e espero que o Ângelo jante conosco.

— Pode contar que ele estará aqui pra jantar, vou mandar Desidério chamá-lo. Mas, Dr. Blumenau, e como lhe tratou o meu compadre e sócio Major Anacleto?

— Ah! Mandou-lhe um grande abraço e Dona Matilde outro para a sua senhora! Homem extraordinário e uma família maravilhosa.

sa. Fui tratado como um príncipe, Major Agostinho. Aliás, dona Matilde se parece muito com dona Ana.

— São primas, Dr. Blumenau.

— Não me diga! Não me falaram nada sobre o seu parentesco.

Quando Ângelo chegou já estavam jantando: ele apenas sentou-se à mesa sem comer, pois já o havia feito em casa.

Depois do jantar, sentaram-se na venda para conversarem, numa mesinha isolada, num canto, o Dr. Blumenau, o Major Agostinho e Ângelo.

— Ângelo, você esteve recentemente com Hackradt lá na colônia. O que é que ele fez para esperar os colonos?

— Um barracão que eu acho muito pequeno para abrigar 250 colonos que o sr. escreveu pra ele que vinham. Mas ele não acredita que venha tanta gente. Está todo barbado e desleixado e só espera o Dr. para largar tudo. Ele não acredita mais na sua colônia, Dr.

O Major Agostinho ponderou:

— Eu acredito que o Dr. vai convencer o seu Ferdinando de desistir dessas bobagens!

— Não acredito, Major. Ele já há muito que quer sair, desfazer a firma. E eu, de forma alguma, quero me indispor com ele, companheiro das primeiras horas. Mas, contra a sua vontade, não quero que fique. Veremos amanhã. Ângelo, como é? Está disposto para partirmos amanhã?

— É o Sr. quem manda. Vou levar mais um bom remador, o Silvério, e depois de amanhã estaremos lá na colônia, seu Dr.. Se Deus quiser.

— Então providencie tudo Ângelo. Meus colonos deverão chegar até o fim do mês, e virão diretamente para aqui. Espero que o sr. os embarque para a colônia imediatamente, no lanchão com suas bagagens, alguma mudança e ferramentas, enfim, coisas que os colonos sempre trazem consigo. Eu os aguardarei lá.

— Dr. Blumenau! Não se preocupe que farei tudo conforme os seus desejos. E eles chegarão todos muito direitinho, não é Ângelo?

— Mas que dúvida, compadre! Sou eu mais o Silvério que levaremos com todo cuidado, se Deus quiser e nos ajudar!

(Continua no próximo número)

Uma visita emocionante na Alemanha

Roland Otte



A Sra. Gertrud Sierich na porta de sua casa em Hamburgo, em 1958.

Vasculhando meu arquivo e recordações antigas, encontrei fotos, postais e lembranças de minha viagem pela Europa, no ano de 1958.

No diário, que escrevi durante minha jornada de quatro e meio meses e que me levou por 12 países, encontra-se um curto relato sobre algumas das horas mais emocionantes que tive a ventura de viver em Hamburgo, ao visitar a veneranda senhora Gertrud Sierich, filha do fundador da nossa cidade, Dr. Hermann Blumenau.

Eis o que está escrito em meu diário:

31.07.1958 — De tarde: Tive a grande satisfação de fazer visita na Snra. Gertrud Sierich, nata Blumenau filha ainda viva do Dr. Hermann Blumenau, uma encantadora sra. de 86 anos de idade. Con-

versa agradabilíssima, cheia de sentimento e saudade da nossa terra distante. Com lágrimas nos olhos, a Snra. Sierich conversou durante quase duas horas, falando dos tempos passados e escutando novidades de Blumenau. Tiramos fotografias juntos bebemos à saúde da pátria distante. A Snra. Sierich ficou encantada e agradeceu mil vezes e de coração a visita. Na sua sala ainda está o calendário de Blumenau — em lugar de honra — que lhe ofertei no Centenário em 1950. A filha Snra. Jacobi, faleceu no ano passado. Estas horas foram muito emocionantes para mim, pois continuamente referiu-se a “meu pai” (Dr. Blumenau) e contou episódios passados, pedindo notícias de todas as famílias conhecidas. Vive numa bela propriedade, com belíssima vista sobre a Alster e as salas estão cheias de fotos e recordações de família e de Blumenau, estando no centro, em metal, a cabeça do Dr. Blumenau na parede. Pediu ela levar a sua mensagem de saudação a todos os conhecidos e a toda Blumenau. Recorda emocionada as visitas em

1937 e 1950. Foi difícil despedir-me, beijei sua mão 4 vezes, nem quiz me largar e abanou da porta até não mais me vêr.

Foi isso que anotei no meu diário de viagem.

Continuei me correspondendo com a Snra. Sierich (minha avó paterna brincava com ela nas margens do Ribeirão Garcia, quando meninas), e a última carta que dela recebi, data de 28 de julho de 1964.

Em novembro do mesmo ano, recebi a comunicação de seu falecimento, ocorrido no dia dos mortos (!), 2 de novembro de 1964, aos 92 anos de idade.

O seu genro, Snr. Hermann Jacobi, com quem a Snra. Sierich vivia e que já estava muito doente quando do seu passamento, também faleceu alguns dias depois. Foi dado como uma vontade divina do destino, que um não sabia do estado grave do outro.

A comemoração para os falecidos, deu-se no dia 9 de novembro de 1964, às 16 horas, no Crematório Hamburg-Ohlsdorf, Sala C.

MEMÓRIA:

Brusque no Centenário de Emancipação Política

Por Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Até 1830, toda a economia nacional se baseava no tráfico de escravos. Nesse ano, conforme o tratado anglo-brasileiro de 1826, tal comércio precisava ser extinto e o fim da importação de mão-de-obra escravagista era uma ameaça à agricultura.

Embora a extinção legal desse comércio sob a bandeira brasileira já estivesse ocorrendo, é certo que nesta época muitos navios estrangeiros, franceses e norte-americanos, procedentes da costa da África, fundeavam nos nossos portos promovendo a venda do elemento negro.

Houve parlamentares que se interessaram pelo problema e, como sugestão, apresentaram propostas e projetos que visavam, entre outras coisas, minorar as penas impostas aos cativos pela lei vigente (o Padre Diogo Feijó, da Regência Una, foi o autor de uma das idéias). Mas 1830 chegou ao fim e sem nenhuma solução para o problema maior que tramitava no Império.

Conseguir imigrantes, à estas alturas dos acontecimentos, estava difícil e como difícil também estava conseguir trabalhadores brancos que, lado-a-lado com os escravos, desenvolvessem suas funções de lavrar as terras. Além do mais, a longa travessia pelo Atlân-

tico desencorajava e a terra selvagem falava por si, deixando à mostra o penoso trabalho a ser enfretado, com a mata virgem por derrubar e o isolamento a que os colonos ficavam confinados devido às distâncias entre as colônias (é fato sabido que as Colônias de Blumenau e Brusque, apesar de próximas, não se comunicavam ou o faziam raramente).

A partir de 1812 algumas colônias foram fundadas em diversas províncias (Espírito Santo, Bahia, Rio) com relativo sucesso e 1824 marca o início da colonização de São Leopoldo, no Rio Grande, com grande sucesso. Seus povoadores? — Alemães! A colônia prosperava (pouco tempo após sua fundação contava cerca de 6.000 habitantes) e o governo se animou.

Porém certas diretrizes estabelecidas na vinda dos imigrantes não ficaram muito bem definidas e ocorreram transtornos, tendo como consequência uma estagnação no processo de imigração (diversos estadistas, acostumados ao trabalho escravo, não aceitavam o trabalho livre do europeu e obrigavam o imigrante a duras penas, embora par acá tivessem vindo com outras promessas).

1818. Os anos foram passando os; problemas com escravos cada vez iam aumentando e o governo pensa novamente na imigração como havia sido desenvolvida a partir de 1812, imigração assentada em colônias, com um trabalho desenvolvido como o de uma fazenda: todos agindo como um todo. Começaram a vir as primeiras levas e o trabalho manual do imigrante passou a ser considerado, passou a ser respeitado, com as colônias se firmando e desenvolvendo-se.

Sociedades de colonização para tratar do assunto foram aparecendo e (...) “cuidou-se igualmente, sob as mesmas bases do regime colonial, isto é, de favores especiais na aquisição de terras e auxílios nos primeiros tempos para a sua subsistência, além de completa isenção tributária, de situar elementos nacionais, já em colônias próprias” (...) (1).

Novos centros foram estabelecidos e 1860 é tomado como um ano-marco porque se destaca na história da colonização com a instalação de três núcleos coloniais: Teresópolis, Angelina e Itajahy (depois Brusque). Este último, criado pelo Aviso Imperial de 18.11.1859 a 4 de agosto de 1860 (...)” plantava o marco inicial de sua vida, com o desembarque dos seus primeiros colonos às margens do Itajaí-mirim, onde havia sido destinada a área de quatro léguas quadradas para o seu estabelecimento” (2).

Eram 10 os primeiros colonos alemães chegados com suas famílias, após fatigante viagem de seis dias a subir o rio em pequenas embarcações, desde a barra até o local de descida. O dito local, conhecido como Vicente-Só, onde hoje existe uma praça com o mesmo nome, é lembrado no primeiro verso do Hino do Centenário de Brusque:

“Foi aqui neste vale tranquilo
entre montes e rio escondido
que a cem anos atrás um pujilo
de imigrantes surgiu destemido” (3).

Nascia a Colônia, estabelecida num “terreno na margem esquerda do rio Itajaí-mirim, fronteiro ao seu lugar chamado Vicente Só, na margem direita do mesmo rio (...) por ser o único apropriado a um egresso fluvial, onde, de fato esta Sede foi estabelecida” (4), teve o nome inicial de Colonia de São Luiz Gonzaga, logo substituído pelo de Colônia de Itajahy.

Dos primeiros colonos alemães aqui chegados, sete provinham da Prússia, um de Hessen (Darmstadt) e de dois não existe anotação de origem. Oito vieram acompanhados da esposa (um era viúvo) e filhos (38), um veio só, deixando a família de 4 pessoas (esposa e filhos) no seu aguardo, em Petrópolis e, de quebra, veio um agregado com uma família. Uma criança, menor de idade, filha de um dos colonos, faleceu antes do embarque. Assim, conforme o dr. Maximiliano von Schnéeburg Diretor da Colônia relatou ao dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque (homenageado na mudança do nome da Colônia para BRUSQUE), Presidente da Província, somou a 59 os colonos relacionados e chegou a 54 os realmente chegados.

Da 1ª. turma de colonos, eram estes os “chefes-de-família”:

Augusto Hofelmann — Daniel Walther — Frederico Ortmann — Frederico Guilherme Neuhaus — Jocó Morsch — João Germano Boiting — João José Scharfenberg — João Ostendarp — João Wilhelm — Luis Richter.

Ainda em 1860 veio a segunda leva de colonos, num total de 132 (aqui chegados dia 19/8); a terceira (com 134 pessoas), e a quarta (menor de todas), com 31 pessoas.

Em fins de 1860 a população da Colônia era de 406 pessoas. Em fevereiro de 1861, seis meses após a chegada dos primeiros colonos, a população da Colônia era de 657 pessoas; em 1863, 938 pessoas habitavam a Colônia em desenvolvimento.

Com subvenção do governo, as riquezas naturais foram sendo aproveitadas e as árvores proporcionaram madeira para as próprias casas.

Pela Lei nº 693, de 31/7/1874, o então Presidente da Província Pedro Afonso Ferreira desmembrou colônias anexadas da freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajahy, formando-se a Freguesia de São Luis Gonzaga. (A 15 de fevereiro de 1867 foi instalada a Colônia Príncipe Dom Pedro, cuja sede localizava-se na confluência do ribeirão das Águas Claras com o rio Itajaí-mirim, com colonos irlandeses-vindos dos Estados Unidos, e franceses e poloneses, sem, contudo, apresentar um resultado satisfatório, pois os que vieram não eram chegados à lavoura — a precisão do momento, tendo contribuído para o fracasso da Colônia).

O dr. Luiz Betim Paes Leme foi nomeado para o cargo de diretor da província e deu novo impulso a ela. Durante sua gestão chegam os primeiros imigrantes italianos, cuja vinda desordenada quase desestruturou a colônia (o decreto nº 5.663, de 17/6/1874 — conhecido por Contrato Caetano Pinto, autorizava o ingresso de 100.000 imigrantes europeus no Brasil e como os agentes na Europa recebiam por colono, providenciavam sua remoção em massa e às pressas, muitas vezes para colônias já formadas por colonizadores alemães, desarmando uma administração não tão preparada em termos financeiros).

Outras levas vieram, sempre com as despesas de alimentação e instalação sendo pagas pelo governo que, em 1876 tinha à frente de sua administração o dr. Alfredo d'Escragnole Taunay, o qual visita Brusque. Segundo dados estatísticos (5), Brusque contava neste ano com uma população de 8.110 habitantes.

Os anos passavam e a história já registrava no tempo os nomes daqueles homens que com seu esforço trabalhavam a terra, davam duro. Bandeirantes, enfim! Pois nem dá sequer para imaginar uma cena dessas, tão longe estamos de uma realidade histórica: colonos embarcando seus familiares e pertences numa longínqua Itália ou Alemanha, atravessando o oceano em penosas viagens, aqui chegando cansados e, sem conforto, tomarem lugares numa embarcação, subir o rio, desembarcando num ponto determinado perto da mata e agora iniciando vida nova...

Gente destemida, gente corajosa, visto que a maior parte trazia crianças e só Deus sabe o que não passaram...

Fico imaginando como seria, hoje, uma subida pelo rio Itajaí mirim e penso que, a par da natureza bela e de verde-que-te-querio-verde exuberante da nossa floresta, os colonos devem ter passado seus maus bocados, sem saber o que os aguardava ou aguardando o que não sabiam.

E a eles rendo minha homenagem neste 23 de março de 1981, data que assinala a elevação à categoria de Município a freguesia de São Luiz Gonzaga das colônias Itajahy e Príncipe D. Pedro, conforme a Lei nº 920, de 23 de março de 1881:

“O Dr. João Rodrigues Chaves, Juiz de Direito e Presidente da Província de Santa Catharina.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º. — Fica elevada à categoria de município a freguesia de S. Luiz Gonzaga das colonias Itajahy e Principe D. Pedro, com a mesma denominação.

§ 1º. A sede do dito município será a da referida freguesia, que fica também elevada à villa, e com a denominação de — Villa de S. Luiz.

§ 2º. Os limites do novo município serão os mesmos da freguesia de S. Luiz.

Art. 2º. Logo que os moradores tenham preparado casa em que deva funcionar a camara municipal, serão installados o novo municipio e dita villa, devendo a camara reger-se pelo codigo de posturas do municipio de Itajahy, até que organise o codigo pelo qual deve reger-se depois de approvedo pela Assembleia Provincial.

Art. 3º. O novo municipio fará parte da comarca de Itajahy.

Art. 4º. Ficam creados no dito municipio os seguintes officios reunidos em um: — de tabellião do publico judicial e notas, escrivão do civil e commercial, do jury e execuções criminaes, capellas e residuos, de orphãos e ausentes.

Art. 5º. Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O secretario desta provincia a faça imprimir publicar e correr.

Dada no palacio da Presidencia da Provincia de Santa Catharina, aos vinte e tres dias do mez de Março de mil oitocentos e oitenta e um, sexagesimo da independencia e do Imperio.

(L. do S.)

João Rodrigues Chaves.

Carta de lei pela qual V. Exa. manda executar o decreto d'Assembléa Legislativa Provincial, que houve por bem sancionar, elevando a cathegoria de municipio a freguezia de S. Luiz Gonzaga das colonias Itajahy e Principe D. Pedro, como acima se declara. Para V. Exa. vêr.

Horacio Nunes Pires, a fêz.

Nesta secretaria da Presidencia da Provincia de Santa Catharina foi sellada e publicada a presente lei, aos 23 dias do mez de Março de 1881. — O Secretario interino, Julio Caetano Pereira" (6).

A voces, colonos alemães e italianos dos quais também descendo numa 5ª. geração dos KRIEGER (Karl Krieger, de Oldenburg, em 1861 veio para o Brasil precisamente para Brusque, cuja colonização mal se iniciara (7). Seu segundo filho, Jakob Carl, também nascido na Alemanha é pai de Gustav Philipp — mais conhecido como Gustavo Krieger, casado com Adelaide Diegoli — Italiana, e pais de Oscar, que é meu pai), com toda consideração, escrevi esta MEMÓRIA. Salve Brusque imortal!

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart
Janeiro/81.

*

Referências:

- 1 — Oswaldo Rodrigues Cabral
"Brusque" — S.A.B. — 1958. (pág. 5)
- 2 — O. R. Cabral
obra citada, pág. 6.
- 3 — Hino do Centenário de Brusque
- 4 — Conforme documentos originaes de 29.4.1863, fazendo o históri-

- rico das terras pretendidas por Matias Wagner, assinado pelo Barão de Schneéburg. In O. R. Cabral (obra citada, pág. 6).
- 5 — 1º. Centenário da Colonização Italiana
Ayres Gevaerd.
Jornal "O Município", 25/7/1975. - Brusque
- 6 — Colleção das leis da Provincia de Santa Catharina do ano de 1881.
Rio de Janeiro (no português original).
- 7 — Dados biográficos dos Krieger.
in Gustavo Krieger — edição comemorativa do centenário de nascimento.
Por Oscar Gustavo Krieger — janeiro de 1978.
Brusque.
-

O prefeito da cidade de Heidelberg virá a Blumenau em setembro

O prefeito Renato de Mello Vianna recebeu do seu colega, o Oberbuergermeister Reinhold Zundel, da cidade de Heidelberg (Alemanha), uma carta confirmando a sua visita à nossa cidade por ocasião do 131º aniversário de fundação de Blumenau.

Diz o prefeito de Heidelberg em sua carta: "Nós, os "heidelberganos, ficamos muito contentes em saber que a Câmara dos Vereadores de Blumenau decidiu dar o nome de nossa cidade a uma das novas ruas de Blumenau. É com grande expectativa que irei a Blumenau, para no dia do aniversário de sua fundação, em 2 de setembro de 1981, entregar pessoalmente a "Rua Heidelberg" ao tráfego".

"HEIDELBERG — a cidade romântica situada às margens do rio Neckar (afluente do rio Reno) é considerada uma das cidades mais lindas da Alemanha. Totalmente poupada pelas bombas destruidoras da Segunda Guerra Mundial, Heidelberg marcou a sua vida espiritual pela sua universidade — a mais antiga na Alemanha de hoje. Foi no ano de 1386 que o então Conde Ruprecht I fundou a "Universidade de Heidelberg". Foi aqui, em abril de 1518, que Martinho Lutero defendeu as suas celebres "teses".

"Nenhuma cidade da Alemanha — conclui a carta — foi tão amada pelos poetas do romantismo, como a cidade de Heidelberg e até o próprio Goethe visitou-a por oito vezes. — Hoje, com uma população de 150 mil habitantes, Heidelberg tem cerca de 20 mil estudantes vindos de todas as partes do mundo".

*

Em 1979 o prefeito Renato de Mello Vianna e Senhora, acompanhados pelo intérprete blumenauense Alfredo Wilhelm, atendendo um convite especial feito pela "Internationales" da República Federal da Alemanha, visitou aquela cidade maravilhosa que enfeitou há tanto tempo os poetas, os músicos e os pintores românticos.

A História de Blumenau revela:

Duas peças escritas pelo fundador, tratam de dois assuntos importantes naqueles idos tempos — **Financiamento do Governo Imperial e o atrito que existiu entre a Direção da Colônia e o Padre Gattone** (Documentos existentes nos Arquivos da Baixa Saxônia)

FINANCIAMENTO

“Cópia das Letras aceitas pelo Dr. Blumenau em 15 de maio de 1851, no Tesouro Público do Rio de Janeiro, a saber — Rs: 3:000\$000 a dois e Rs. 3:000\$000 e Rs. 4:000\$000 a quatro anos.

A dois anos precisos da data, pagará Vmce. por esta única via de letra a mim ou à minha ordem, a quantia de três contos de réis por conta do adiantamento de dez contos de réis que se lhe faz em virtude dos artigos 2 e 3 do contrato celebrado com o Governo em 21 de fevereiro último, para as despesas da importação de 200 (duzentos) colonos alemães engajados na Europa para a colônia que pretende estabelecer nas terras que possui à margem do Rio Itajaí Grande, na Província de Santa Catarina, e no dia do vencimento fará pronto pagamento. — O Conselheiro Geral do Tesouro Público — Ass. João Duarte Lisboa Silva”.

x x x

CARTA DE 6.4.62 —

ATRITO

“Ilmo. e Exmo. Sr.

Tenho a honra de acusar o recebido officio de V. Excia. de 12 de março, que ontem recebi e de devolver o officio do Rvmo. Padre Gattone, que o acompanhava, julgo ter provado a V. Excia., por meu officio do mês próximo passado, que se referia ao mesmo assunto, que de maneira alguma não me tenha esquivado da conveniência que V. Excia. me lembra, que haja inteligência e mútua coadjuvação entre o Pároco e o Diretor da Colônia. O sr. Gattone ultimamente me visitou e se convenceu pessoalmente, que se o sr. Wardenburg, meu substituto, não afixou logo o edital em questão, de resto não o fez por vontade e sim por causa do equívoco trecho que continha. — Deus guarde a V. Excia. — Colônia Blumenau, 6 de abril de 1862. — Ao Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta — Digníssimo Presidente da Província. — O Diretor — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau”.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

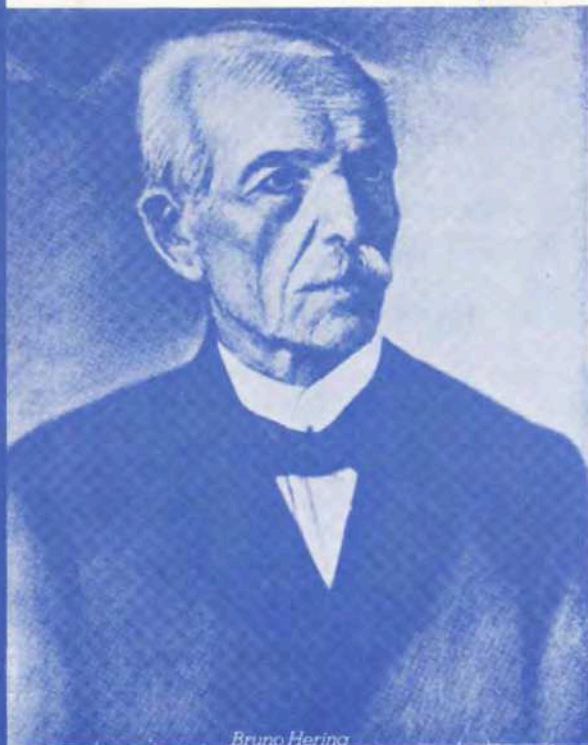
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

CIA Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.